

## TERRÁRIO SUSTENTÁVEL E ARTE EM VIDRO: REFLEXÕES DE UM SABER-FAZER-VIVER DE MULHERES NEGRAS

ALEX GARRIDO<sup>1</sup>; GEORGINA HELENA LIMA NUNES<sup>2</sup>; FÁBIO SANGIOGO<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Laboratório de Ensino de Química (LABEQ), Universidade Federal de Pelotas – alex.garrido@ufpel.edu.br

<sup>2</sup> LABEQ, Universidade Federal de Pelotas – fabiosangiogo@gmail.com

<sup>3</sup> Observatório Interinstitucional de Ações Afirmativas da Região Sul (ObservAASul), Universidade Federal de Pelotas – geohelena@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, inserido no Projeto “Terrário sustentável microclima e arte em vidro: Uma perspectiva de ensino e alternativa para geração de renda”, recupera a possibilidade das práticas sociais na perspectiva de FREIRE e NOGUEIRA (1993, p. 26), acerca da “reflexão do saber-fazer das práticas políticas que re-inventam e constroem coletivamente alternativas de luta e resistência, sobre a necessidade da vida”.

Nesse sentido, Garrido e Sangiogo (2017) sinalizam que a prática do Terrário sustentável, no viés da educação e na geração de renda, promove elementos de diálogos coletivos pela troca de saberes sistematizados e interdisciplinares em duas dimensões: no campo das relações sociais do saber-feito e no campo das Ciências em suas especificidades. FREIRE e NOGUEIRA (1993), afirmam que os elementos da criticidade que se articulam e organizam a mobilização do saber-fazer “é uma criticidade que re-inventa e atualiza a capacidade da reflexão humana” (p. 26). Nesse sentido, o Terrário, além das possibilidades vinculadas ao ensino das Ciências da Natureza, propicia que seja dinamizado um conjunto de reflexões e ações-práxis por isso, tal prática se estende para outros campos do saber e, conseqüentemente da vida.

Este trabalho apresenta uma das atividades do Projeto, ao trazer a perspectiva da realização do Terrário em reunião com mulheres negras, com um olhar ao aspecto interseccional (CRENSHAW, 2018; AKOTIRENE, 2018) que as caracteriza (raça/gênero/classe e geração) na perspectiva de um “fazer” permeado por memórias que, por isso, se torna social e historicamente situado. Amplia o conceito de experiência como prática executada para o de experiência como prática vivida, porque, para elas, seus “passos vêm de longe” (WERNECK, 2019, p. 1).

### 2. METODOLOGIA

As sujeitas do trabalho foram cinco mulheres, negras, que residem em distintas localidades no município de Pelotas (RS), com idade entre 50 e 83 anos, cujas profissões são de professoras (2), artesãs (2), contadoras de história (1) e dona de casa. Entre essas, apenas as professoras que ocupam os cargos de: orientadora educacional; e de vice-diretora de uma escola pública estadual, estão inseridas no mercado de trabalho formal. O trabalho contou, também, com a presença de uma professora-pesquisadora em relações raciais e gênero que fez a articulação com as mulheres e o espaço onde as oficinas foram realizadas.

Buscou-se, neste processo, através de uma metodologia interativa entre a prática do terrário e a história de vida das mesmas, as etapas cuidadosamente estabelecidas: (1) Chegada no espaço da oficina com a busca de mudas na praça, junto com a anfitriã, e a organização do material já previamente higienizado e preparado; (2) apresentação de cada um/a; (3) explicação da construção do

terrário; (4) execução da prática; (5) escuta atenta aos diálogos que se estabeleceram nas três fases iniciais; (6) confraternização final.

Esse processo se deu em duas etapas: a primeira (28/07/2019) tendo a construção do terrário, e a segunda (08/09) para avaliação de como se desenvolveram as plantas, retomada da prática do terrário, na sua dimensão estética que agrega os fazeres do crochê, de uma das mulheres. Nesta última, somam-se dizeres, fazeres e saberes sob a forma da malha, femininamente tecida pelo crochê de ACC.

A construção metodológica da oficina segue as considerações de GARRIDO e SANGIOGO (2017), estruturado na perspectiva dos três Momentos Pedagógicos: Problematização Inicial, Organização do Conhecimento e Aplicação do Conhecimento (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011). Para o registro dos diálogos e relatos se utilizou um gravador para depois realizar as transcrições dos dados para depois utilizar o celular para capturar imagens.

As mulheres participantes da oficina serão apresentadas pelos seus fazeres, nem sempre tido como profissão, mas que foram os emergentes no momento da apresentação como, também, aquilo que gostariam de ser, a exemplo de uma das mulheres de 76 anos, que desde a infância almejava ser musicista de piano. Serão nomeadas como: Orientadora Pedagógica (OP); Artesã Griôt (contadora de história) (AG); Artesã Croché e Costura (ACC); Musicista de Piano (MP); e Vice-Diretora (VD); e a professora pesquisadora de PP, nos momentos que a sua intervenção se fez presente. Cabe salientar que tais denominações são escolhas metodológicas e que de forma alguma substituem suas constituições como mães, avós, mulheres de uma multiplicidade de vivências e agenciamentos de situações, principalmente, de racismos. Estes, compreendidos e enfrentados com desenvolturas que poderiam ser suporte para a educação das relações étnico-raciais que é compromisso de todos os campos do saber para com as diversidades (NUNES, 2018).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sinteticamente, serão trazidos os resultados ou efeitos que a apresentação e confecção dos terrários proporcionou em todas as etapas do processo, especialmente, sob olhares das participantes da oficina.

O Terrário como prática extensionista, que abarca as suas dimensões científicas, educativas, artísticas e sustentáveis, foi significado a partir de outros olhares desde o momento da apresentação, tendo em vista as funcionalidades atribuídas pelas mulheres. Para VD foi visto como prática pedagógica e socioeconômica para os seus educandos; OP caracterizou como ferramenta educacional e propícia a futuras parcerias entre universidade e escola; AG considerou como conhecimento que corrobora com suas práticas artesã; ACC se atentou para o aspecto do valor econômico com vistas à geração de uma renda extra e, por fim, a MP tem na prática do terrário uma preocupação com o cuidado da planta e, nesse momento, avalia que o tamanho do vidro poderia ser proporcional ao tamanho do cuidado a ser dispendido.

No segundo momento, organizamos as coletas, a seleção dos materiais. A participante (ATC) disponibilizou conchas, mudas de suculentas e vidros pequenos de conservas. Neste momento, entre indagações e alternativas aos materiais utilizados e utilizáveis, deu-se uma vazão a memórias que remetem à ascendência negra e às cotidianidades no âmbito da culinária, dos manuseios com a terra, dos lugares vividos, do tempo de infância, de uma memória como a da MP que alterna entre as lembranças passadas e um presente fugidio, porque sofre de Transtorno de Alzheimer.

Mas, a anelina não é toxica? [...] Eu fiquei pensando que até no urucum, como tem outras formas de tingir [...] (PP)  
O Asafrão e o coloral podem ser utilizados [...] (AG).  
Eu tenho um aquário de vidro que eu quero fazer um terrário nele, por isso, vou fazer dois terrários [...] (ACC)

Das questões recorrentes sobre a compreensão do ensino de Ciências e, não apenas, sobressaíram-se as perguntas sobre a sobrevivência da planta com uma possível “inexistência” do ar; sobre a necessidade de regá-las e de apanhar sol, enfim, perguntas plenas de cuidado e admiração frente ao novo! Respondeu-se na ótica de DELIZOICOV, ANGOTTI e PERNAMBUCO (2011), na organização do conhecimento, acerca dos mecanismos de respiração da planta dentro do vidro e, relacionados com a temperatura, a pressão, os gases (CO<sub>2</sub> e O<sub>2</sub>), o ciclo da água e os nutrientes para o processo de metabolismo vegetal, associado com minerais, fotossíntese e produção de energia. Na aplicação do conhecimento, apresentamos enfoque na compreensão sobre a manutenção do terrário, da vida. Logo após a oficina, criou-se um grupo de *whatsapp* para que as mesmas trocassem fotografias e outras mensagens até o dia da oficina final.

Por fim, nos momentos finais, após um café ofertado pela anfitriã, em que se realizou um momento musical, visto que as mulheres tocavam violão, pandeiro e instrumentos musicais artesanais construídos pela AG, realizou-se o seguinte questionamento: “Explique o que foi essa experiência de oficina de Terrário?”

Fostes muito didático [...] orientastes como fazer, trouxestes os recursos aos quais deveríamos construir o terrário [...] teve liberdade de usar a nossa criatividade[...] além da Arte teve um lado artístico [...] poesia [...]. Foi muito importante até para poder dar continuidade do trabalho da escola com as crianças[...] Pra envolver aqueles meninos e meninas, muito agitados, até pra dar outros sentidos pra valorizar a vida de alguns que são muito pobres e até para ocupar as mães, numa tarefa que pode até vir a ser lucrativa, pra elas (VD)

Mexeu com o psicológico [...] (OP)

Isso eu já fazia desde criança [risadas do grupo]. Pois é, já passou a minha criança [...] Mas desde menina que eu planto e desplanto [...]. Só não botava tampa [...]. Eu plantava em uma latinha ou panela velha” (MP).

Lembrou cheiro e gosto [...]. Lembraram que os doces eram feitos naqueles vidros. O vidro representou duas coisas que eu falei: O licor e meu pai como cozinheiro. Antigamente, na cidade (Pelotas) tinha uns botecos [...] usavam esses vidros cheio de ovo cozido [...]. Eu também me lembro das balas da venda e aquele puxa-puxa. Minha mãe fazia, licor de butiá e daquela laranjinha do mato, no cerro do Capão do Leão (AG).

Durante as práticas, a questão da feminilidade e negritude vieram à tona; e isso é, também, o cotidiano em sociedades afrodiaspóricas como a brasileira e, principalmente, a pelotense com toda a tradição de escravização e resistência negra, os relatos de racismo e os seus enfrentamentos (NUNES, 2014). Tais aspectos da diversidade que estão presentes nas vidas das pessoas que participam da oficina merecem ser considerados para atender as especificidades de uma educação que se proponha na concepção de FREIRE e NOGUEIRA (1993): humanitária, do *ser mais*: “Eu não dou bola, eu sigo em frente, a pessoa que esteja incomodada, que venha atrás de mim reclamar [...]” (ACC).

#### 4. CONCLUSÕES

Na concepção de Bosi (2001, p. 55), “[...] na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado” e, neste sentido, “[...] a lembrança é uma imagem construída pelas imagens que estão, agora, à nossa disposição [...]”. Por isso:

[...] foi um encontro ancestral, não é? [...] Eu acho que é esse prazer que é o encontro e para algumas pessoas, o reencontro. A oficina do Terrário cortou com o ritmo, que nos afasta, nos distância e não nos permite acessarmos nem lembranças e nem memórias [...]. Todo mundo se reportou à sua casa, à sua vida, e deu um sentido a mais àquilo de novo, desconhecido, que foi proposto sob o viés da “ciência”. (PP)

As conclusões preliminares dizem respeito à oficina apresentada e se traduz pela compreensão de que as práticas educativas decorrentes do projeto podem ampliar o campo de discussão do ensino de Ciências, ao transversalizá-lo com questões voltadas às especificidades socioculturais dos/as participantes, das questões mais objetivas às questões subjetivas. Isso, num universo de questões, dão indicativos da não conclusão epistêmica e política do projeto. Fica a curiosidade de colocar em prática as alternativas (beterraba, urucum, açafraão e coloral) para o tingimento da areia que é colocada no terrário, a partir da dúvida da forma padrão de colorimento utilizado (anelina), além do desafio de pensar uma pedagogia para todos os campos de saber que considere o conhecimento de mulheres negras, conhecedoras a partir das suas experiências em um mundo ainda discriminatório pelos seus aspectos da diferença.

## 5. REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte (MG): Letramento-Justificando, 2018.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**. Tradução de Liane Schneider, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- NUNES, Georgina Helena Lima. Ser mulher, sul mulher: “a gente tem que fazer vento”. In: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes (Orgs.). **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.
- NUNES, Georgina Helena Lima. Educação, Relações Raciais: Desafios e Possibilidades Frente às Diversidades. In: KRONBAUER, Selenir. Et.al. S. Leopoldo: EST, 2018.
- DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, Jose A.; PERNAMBUCO, Marta M. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. 4. ed., São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em educação popular**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GARRIDO, Alex S.C; SANGIOGO, Fábio A. Terrário Sustentável, Microclima e Arte em Vidro: Uma Perspectiva de Ensino e Alternativa para Geração de Renda. IV SIEPE- Congresso de Extensão e Cultura. **Anais...** Pelotas: UFPEL, 2017.
- WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo**. Disponível em: <http://books.openedition.org/iheid/6316>. Acesso: 07/09/2019.